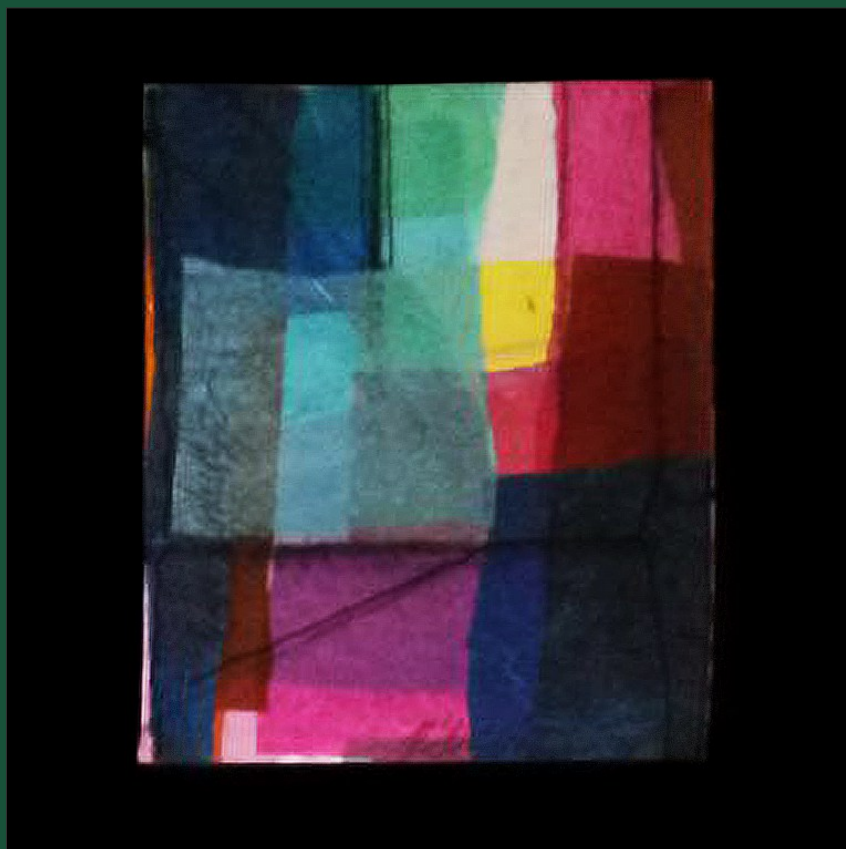


Contexto

Revista Anual de Estudios Literarios | vol. 30 - n.º 32 - Año 2026
e-ISSN: 2610-7902 | e-Depósito Legal: Me2018000066



Rafael Sánchez / De la serie *Intercepciones* / 2024
mixta sobre cartulina - collage / 20 x 20 cm

Artículo

Jorge Amado e Pablo Neruda: entre o verbo e a revolução — notas sobre amizade, literatura, engajamento político e ideologia comunista

Jorge Amado y Pablo Neruda: entre el verbo y la revolución — notas sobre amistad, literatura, compromiso político e ideología comunista

Jorge Amado and Pablo Neruda: between the word and the revolution — notes on friendship, literature, political engagement and communist ideology

Recibido 20-01-2026

Aprobado 27-02-2026

Áquila Gomes de Souza¹

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

aquilagoms@gmail.com

Ronaldo Rodrigues da Silva Barreto²

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

ronaldorodrigues97@gmail.com

Resumo: Este estudo analisa a amizade e o diálogo intelectual entre Jorge Amado [1912-2001] e Pablo Neruda [1904-1973], ressaltando a convergência entre literatura, engajamento político e ideologia comunista. Ambos defenderam justiça social e valorização das classes populares, convertendo a arte em espaço de resistência, solidariedade e esperança latino-americana. O companheirismo tornou-se símbolo de fraternidade cultural e compromisso histórico continental no século XX. Nesse sentido, este texto parte da contextualização das agitações políticas desse século, centrando-se especialmente entre as décadas de 1930 a 1970, período de efetivo engajamento comunista de Amado e Neruda diante das ditaduras e das tensões políticas no Brasil e no Chile. Em seguida, observa-se a produção literária de ambos, na qual a resistência política assume papel central, transformando a palavra em instrumento de denúncia e de esperança. Suas obras, ainda que distintas em forma e estilo, dialogam na defesa dos marginalizados e na celebração das culturas populares, nas quais o compromisso político se entrelaça ao gesto poético e à fraternidade entre escritores que viam na palavra um instrumento de resistência e esperança. Por fim, abordam-se o exílio e a consolidação da amizade entre os escritores, marcada por um ideal latino-americano humanista de liberdade e crença na força transformadora da arte e da força popular.

1. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Letras PPGL/ UERN/ CAPF. Mestre em Ciências da Linguagem PPCL/ UERN (2022). Licenciada em Letras Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2019). É docente da rede privada de ensino na Paraíba. ORCID: 0009-0000-8624-103X.

2. Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras PPGL/ UERN/ CAPF. Mestre em Ciências da Linguagem PPCL/ UERN (2024). Licenciado em Letras Língua Inglesa pela Universidade Estadual do Ceará (2010). É docente da rede pública de ensino no Ceará (SEDUC-CE) desde 2010. ORCID: 0000-0002-4138-4595.

¿Cómo citar?

Gomes, A. y Rodrigues, R. "Jorge Amado e Pablo Neruda: entre o verbo e a revolução — notas sobre amizade, literatura, engajamento político e ideologia comunista". *Contexto*, vol. 30, n.º 32, 2026, pp. 40-61.



UNIVERSIDAD
DE LOS ANDES
DR. PEDRO RINCÓN GUTIÉRREZ
TACHIRA VENEZUELA

Palavras-chave: Representação política e social na literatura latino-americana; Jorge Amado; Pablo Neruda; cultura popular e criação literária no século XX; resistência e utopia.

Resumen: Este estudio analiza la amistad y el diálogo intelectual entre Jorge Amado [1912-2001] y Pablo Neruda [1904-1973], destacando la convergencia entre literatura, compromiso político e ideología comunista. Ambos defendieron la justicia social y la valorización de las clases populares, convirtiendo el arte en un espacio de resistencia, solidaridad y esperanza latinoamericana. El compañerismo se convirtió en símbolo de fraternidad cultural y compromiso histórico continental en el siglo XX. En este sentido, este texto parte de la contextualización de las agitaciones políticas de ese siglo, centrándose especialmente entre las décadas de 1930 y 1970, período de efectivo compromiso comunista de Amado y Neruda frente a las dictaduras y a las tensiones políticas en Brasil y en Chile. A continuación, se observa la producción literaria de ambos, en la cual la resistencia política asume un papel central, transformando la palabra en instrumento de denuncia y de esperanza. Sus obras, aunque distintas en forma y estilo, dialogan en la defensa de los marginados y en la celebración de las culturas populares, en las cuales el compromiso político se entrelaza con el gesto poético y con la fraternidad entre escritores que veían en la palabra un instrumento de resistencia y esperanza. Por último, se abordan el exilio y la consolidación de la amistad entre los escritores, marcada por un ideal latinoamericano humanista de libertad y de creencia en la fuerza transformadora del arte y de la fuerza popular.

Palabras clave: Representación política y social en la literatura latinoamericana; Jorge Amado; Pablo Neruda; cultura popular y creación literaria en el siglo XX; resistencia y utopía.

Abstract: This study analyzes the friendship and intellectual dialogue between Jorge Amado [1912-2001] and Pablo Neruda [1904-1973], highlighting the convergence between literature, political engagement, and communist ideology. Both defended social justice and the valorization of the working classes, transforming art into a space of resistance, solidarity, and Latin American hope. Their companionship became a symbol of cultural fraternity and continental historical commitment in the twentieth century. In this sense, this text begins with the contextualization of the political upheavals of that century, focusing especially on the period between the 1930s and the 1970s, a time of effective communist engagement by Amado and Neruda in the face of dictatorships and political tensions in Brazil and Chile. It then examines the literary production of both writers, in which political resistance assumes a central role, transforming the word into an instrument of denunciation and hope. Their works, although distinct in form and style, engage in dialogue in their defense of the

marginalized and in the celebration of popular cultures, in which political commitment intertwines with the poetic gesture and with the fraternity among writers who saw in the word an instrument of resistance and hope. Finally, the exile and the consolidation of the friendship between the writers are addressed, marked by a humanist Latin American ideal of freedom and belief in the transformative power of art and of popular strength.

Keywords: Political and social representation in Latin American literature; Jorge Amado; Pablo Neruda; popular culture and literary creation in the twentieth century; resistance and utopia.

Considerações iniciais

As ditaduras instauradas na América Latina ao longo do século XX, sobretudo a partir da década de 1960, configuram-se como um dos períodos mais violentos da história política e social da região. Marcados pela ascensão de regimes autoritários de matriz civil-militar, esses governos se consolidaram em meio às disputas geopolíticas da Guerra Fria, fortemente influenciadas pela política externa dos Estados Unidos e pelo temor da expansão do comunismo após a Revolução Cubana de 1959. Sob o discurso da defesa da ordem e da segurança nacional, tais regimes promoveram a supressão sistemática de direitos políticos e civis, a censura aos meios de comunicação e a perseguição violenta de opositores, deixando um legado duradouro de violações de direitos humanos (Mendes Souza, p. 24).

A historiografia dedicada ao estudo das ditaduras latino-americanas revela a pluralidade de interpretações acerca de suas origens, mecanismos de funcionamento e impactos sociais. Conforme aponta Mendes Souza (p. 8), essas abordagens buscam compreender os processos que possibilitaram a instauração e a manutenção de regimes autoritários no Cone Sul, destacando a articulação entre interesses militares, elites civis e estratégias internacionais de contenção ideológica. Nesse sentido, os regimes autoritários estabelecidos da América Latina buscaram legitimar práticas repressivas e ao redefinir o inimigo político como ameaça interna, justificando ações de exceção em nome da estabilidade do Estado.

Paralelamente à repressão institucionalizada, emergiram diversas formas de resistência política, cultural e social. Movimentos de luta armada, organizações civis, setores da intelectualidade crítica e correntes como a Teologia da Libertação (TDL) constituíram importantes focos de oposição aos regimes autoritários, ao passo que denunciavam as injustiças sociais e reafirmando a defesa dos direitos humanos e da identidade latino-americana. Ainda que, por vezes, marcadas por silenciamentos e exílios forçados, essas experiências de resistência contribuíram para a construção de uma memória coletiva que questiona as narrativas oficiais dos Estados

autoritários e problematiza os efeitos da cultura do medo e do silenciamento instaurado pelas ditaduras.

É nesse contexto histórico e político que se inscrevem as trajetórias de Jorge Amado [1912-2001] e Pablo Neruda [1904-1973], dois dos, talvez, mais relevantes escritores latino-americanos do século XX. Ambos atuaram como intelectuais engajados nas lutas políticas do Brasil e Chile, respectivamente, vinculando sua produção literária a projetos ideológicos comprometidos com a justiça social, a valorização das classes populares e a crítica às estruturas de dominação. A militância comunista, a perseguição estatal, a censura e o exílio tanto marcaram suas biografias, como também atravessaram de modo decisivo suas obras, conferindo-lhes uma dimensão política e histórica.

Durante as décadas de 1930 a 1950, o comunismo no Brasil e no Chile assumiu configurações específicas, ainda que igualmente permeadas pela repressão. No Brasil, o Partido Comunista Brasileiro (PCB) enfrentou sucessivos períodos de ilegalidade, especialmente durante o Estado Novo, quando o anticomunismo foi institucionalizado como política de Estado. No Chile, apesar de uma inserção mais consistente do Partido Comunista do Chile (PCCH) no campo sindical e parlamentar, a promulgação da chamada “Lei Maldita”, em 1948, resultou na criminalização da militância comunista e no exílio de figuras centrais como Pablo Neruda, por exemplo. As experiências de perseguição e clandestinidade vividas por ambos os escritores evidenciam a intensidade do anticomunismo estatal no Cone Sul e ajudam a compreender os vínculos entre política e literatura em suas trajetórias.

A literatura latino-americana do século XX, nesse cenário, constituiu-se como mecanismo de elaboração simbólica das experiências autoritárias e das lutas sociais. Longe de se restringir a um exercício formal, a escrita literária assumiu, em muitos casos, uma função pública, voltada à denúncia das injustiças históricas e à construção de horizontes utópicos. As obras de Jorge Amado e Pablo Neruda exemplificam essa perspectiva ao articular estética, militância e compromisso social, transformando a palavra em instrumento de resistência e de afirmação da dignidade humana.

Nesse sentido, o presente texto parte da contextualização das agitações políticas do século XX, centrando-se especialmente entre as décadas de 1930 a 1970, período de efetivo engajamento comunista de Amado e Neruda diante das ditaduras e das tensões políticas no Brasil e no Chile. Em seguida, observa-se a produção literária de ambos, na qual a resistência política assume papel central, transformando a palavra em instrumento de denúncia e de esperança. Suas obras, ainda que distintas em forma e estilo, dialogam na defesa dos marginalizados e na celebração das culturas populares, nas quais o compromisso político se entrelaça ao gesto poético e à fraternidade entre escritores que viam na palavra um instrumento

de resistência e esperança. Por fim, aborda-se o exílio e a consolidação da amizade entre os escritores, marcada por um ideal latino-americano humanista de liberdade e crença na força transformadora da arte e da força popular. Assim, o companheirismo entre Jorge e Pablo transformou-se em um elo simbólico entre literatura, política e afeto na América Latina do século XX.

Assim, esse artigo propõe analisar a amizade, a militância política e a produção literária de Jorge Amado e Pablo Neruda à luz dos contextos políticos autoritários que marcaram a América Latina no século XX. Ao articular história, literatura e política, busca-se compreender como a palavra literária, atravessada por experiências de repressão e exílio, pode operar como gesto ético, prática social e projeto de futuro, reafirmando a centralidade da literatura nos processos de resistência e na construção de uma memória crítica latino-americana.

Das lutas políticas latino-americanas: palavras de resistência em Jorge e Pablo

Não possuímos direito maior e mais inalienável do que o direito ao sonho. O único que nenhum ditador pode reduzir ou exterminar.

AMADO, *O menino grapiúna*, p. 15.

No contexto histórico do que se denomina Era Vargas [1930–1945], marcada pela centralização do poder, pelo autoritarismo e pela consolidação de um discurso anticomunista como instrumento de controle político, a trajetória intelectual e literária de Jorge Amado adquire especial relevância. Vinculado ao Partido Comunista Brasileiro e comprometido com a representação do povo historicamente marginalizado, o escritor baiano tornou-se alvo direto do aparato repressivo do Estado varguista, que via na produção cultural engajada uma ameaça à ordem nacional.

A política anticomunista, intensificada sobretudo após a Intentona de 1935 e durante o Estado Novo, não se limitou à repressão armada ou jurídica, estendendo-se à censura e à perseguição de intelectuais que denunciavam as desigualdades sociais e a violência estrutural do estado brasileiro. A obra de Jorge Amado, ao pôr a luz à vida a trabalhadores, marginalizados, mulheres disruptivas e militantes políticos, confrontava frontalmente o projeto de modernização conservadora de Vargas, revelando como a literatura se tornou um espaço de resistência simbólica diante de um Estado que criminalizava o comunismo e buscava silenciar narrativas dissidentes.

No que diz respeito ao cenário político, a Era Vargas constituiu um marco na história política e social brasileira, ao inaugurar um modelo de Estado centralizador e fortemente interventor nas relações políticas, econômicas e sociais. Esse período deve ser compreendido no contexto da crise do capitalismo liberal internacional, intensificada após a quebra da Bolsa de Nova York em 1929, que acelerou o esgotamento do modelo agroexportador da Primeira República. A Revolução de 1930 representou uma reorganização das funções do Estado frente às transformações impostas pela urbanização, pela industrialização e pela crescente mobilização da classe trabalhadora. Nesse cenário, o Estado passou a assumir um papel ativo na condução da modernização econômica, ao mesmo tempo em que buscava controlar os impactos sociais e políticos desse processo.

Segundo Florindo (p. 37), a modernização promovida durante a Era Vargas assumiu um caráter conservador, pois, embora o Estado brasileiro impulsionasse o desenvolvimento industrial e ampliasse a burocracia estatal, preservava os fundamentos da dominação das elites tradicionais. O fortalecimento do Executivo e a centralização administrativa não significaram a ampliação da participação democrática, mas a construção de novos mecanismos de controle social capazes de conter os conflitos de classe decorrentes da modernização capitalista. Tratava-se, assim, de uma modernização controlada, na qual as mudanças econômicas eram acompanhadas pela manutenção das hierarquias sociais e políticas.

Nesse contexto, a chamada questão social passou a ocupar lugar central na agenda do Estado. Diferentemente da República Velha, em que a repressão direta era praticamente a única resposta às reivindicações trabalhistas, o governo Vargas incorporou as demandas dos trabalhadores ao discurso oficial. Contudo, como destaca Florindo (p. 42), essa incorporação ocorreu sob uma lógica tutelar, na qual os direitos sociais eram concedidos como dádivas do Estado, e não como conquistas resultantes da ação autônoma da classe trabalhadora. A cidadania operária foi, desse modo, regulada de cima para baixo, subordinando os sindicatos e as organizações de classe à mediação estatal.

O corporativismo sindical configurou-se como o principal instrumento dessa estratégia de controle. Inspirado em modelos autoritários europeus, especialmente no fascismo, o sistema corporativo redefiniu as relações entre capital e trabalho, substituindo a lógica do conflito pela retórica da colaboração e da harmonia social. Conforme analisa Florindo (p. 39), os sindicatos passaram a funcionar como extensões do Estado, destituídos de autonomia política e submetidos à vigilância administrativa, o que esvaziava o potencial crítico e reivindicatório do movimento operário.

Paralelamente, o regime varguista construiu a figura do inimigo interno como forma de legitimar a repressão política. Anarquistas, socialistas e comunistas foram sistematicamente associados a ideologias estrangeiras e apresentados como ameaças à ordem nacional, à pátria e à família. Florindo (p. 39) demonstra que essa narrativa permitiu naturalizar a repressão e justificar a ampliação do aparato policial e jurídico destinado à contenção das classes trabalhadoras. A adesão de Luís Carlos Prestes ao comunismo intensificou esse processo, pois sua figura simbólica, oriunda do tenentismo, representava a possibilidade concreta de articulação entre militares dissidentes e trabalhadores organizados, alimentando os temores das elites e reforçando o discurso anticomunista do Estado.

À luz de um olhar crítico, pontua-se que até a criação do Ministério do Trabalho e a promulgação da legislação trabalhista constituíram elementos centrais da política varguista. Embora essas medidas atendessem a reivindicações históricas do proletariado, como a regulamentação da jornada de trabalho, elas também impuseram rígidos mecanismos de controle sobre os sindicatos, como a exigência de reconhecimento oficial, a proibição de atividades políticas e a fiscalização permanente das organizações operárias.

Essas tensões sociais e políticas que demarcaram o período foram narradas por Jorge Amado em romances como *Cacau* (1933), *Suor* (1934), *Jubiabá* (1935) e *Capitães da Areia* (1937). Por meio dessas obras, o escritor representou a exploração do trabalho, a precarização das condições de vida e os limites das políticas estatais diante da realidade do proletariado urbano e rural. Deste modo, pontua-se: ainda que a legislação trabalhista apareça como um avanço formal, suas narrativas enfatizam a permanência da desigualdade social e o controle exercido sobre os trabalhadores, revelando uma crítica implícita ao caráter tutelar e autoritário do Estado varguista, sobretudo no que se refere à domesticação da ação coletiva e à repressão das organizações populares.

Já no contexto chileno observam-se outras especificidades. Avança-se no tempo histórico para a década de 1970 para o período que antecede o golpe de Estado de 11 de setembro de 1973, no Chile, deve ser compreendido como parte de um conflito estrutural entre o projeto da Unidade Popular, liderado por Salvador Allende, e os interesses do capitalismo dependente e do imperialismo internacional. Conforme analisa o Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, sob coordenação intelectual de Vijay Prashad (p. 38), a experiência chilena representava uma tentativa concreta de construção de soberania econômica, justiça social e integração com o Terceiro Mundo, o que a tornava particularmente ameaçadora às potências centrais.

Desde sua eleição em 1970, Allende enfrentou um cenário de permanente desestabilização política e econômica. Ainda segundo Prashad (p. 5), os Estados Unidos passaram a atuar sistematicamente para impedir a consolidação do governo da Unidade Popular, por meio de bloqueios financeiros, sabotagem econômica, estímulo à oposição interna e apoio às elites empresariais chilenas. O objetivo era inviabilizar o projeto socialista democrático antes que ele se tornasse um modelo replicável para outros países periféricos, especialmente da América Latina.

Prashad (p. 13) explica que no centro das tensões pré-golpe estava a nacionalização do cobre, aprovada em 1971, medida que simbolizava a ruptura com a lógica da dependência. Para o estudioso, essa política não era apenas econômica, mas política e internacionalista, pois articulava o Chile aos debates da Nova Ordem Econômica Internacional, defendida na Unctad e no Movimento dos Não Alinhados. O controle dos recursos naturais era visto como condição essencial para a autodeterminação dos povos do Sul Global.

Esse contexto de transformações estruturais também se refletiu no campo cultural e intelectual, onde artistas e escritores desempenharam papel fundamental na defesa do projeto da Unidade Popular. Pablo Neruda, poeta, diplomata e militante comunista, foi uma das figuras centrais desse período, atuando como símbolo da ligação entre cultura, política e compromisso social. Neruda via no governo Allende a possibilidade histórica de um socialismo enraizado na dignidade humana, na justiça e na soberania nacional, projeto que foi interrompido pelo Golpe de Estado no Chile.

A atuação de Neruda no pré-golpe ultrapassava a produção literária: ele representava o Chile no cenário internacional, denunciava o imperialismo e reforçava a dimensão humanista do projeto socialista chileno. Conforme sugere Prashad (p. 35), a perseguição à cultura e aos artistas após o golpe indica que o regime militar compreendia o poder simbólico dessas vozes, capazes de mobilizar consciências e sustentar a memória da resistência.

Assim, o período pré-golpe no Chile caracteriza-se por um intenso embate entre um projeto emancipatório e forças internas e externas comprometidas com a manutenção da ordem capitalista dependente. A experiência da Unidade Popular, analisada por Prashad (p. 9), demonstra que o golpe de 1973 foi antecedido por uma guerra econômica, política e cultural, na qual figuras como Pablo Neruda encarnaram a esperança de um Chile soberano, esperança que, por isso, precisou ser violentamente silenciada pela Ditadura Chilena.

Entre ditaduras e utopias: percursos literários e políticos de Amado e Neruda

De ignotas origens, e distância esquecida.

Fabriqueei a trajetória, o espaço e as asas.

FRAGA, *Poesia reunida*, p. 447.

Conforme já exposto, os escritores latino-americanos, Jorge Amado e Pablo Neruda são autores mundialmente conhecidos e pesquisados por suas importantes obras e vasta produção literária. É notório o fato de suas trajetórias pessoais e profissionais se coadunam em vários aspectos. Primeiramente, os dois literatos foram filiados a partidos comunistas em seus países e eram politicamente engajados na defesa das causas sociais e dos movimentos populares. Além disso, ambos compartilhavam interesses similares na cultura, política e até nos círculos sociais que mantinham.

Tais trajetórias comuns, possivelmente, levaram-nos a construírem uma duradoura e profunda amizade, caracterizada pela cumplicidade entre estes e suas famílias, uma relação que agregava famosos encontros públicos e privados com a participação de outros artistas, escritores, políticos e intelectuais. Essa proximidade acabava sendo benéfica, gerando significativas contribuições à Literatura, às Artes e colaborando com a ampliação do Comunismo e no fortalecimento de suas ações em diversos âmbitos.

Historicamente, percebem-se analogias nessa amizade desde o fazer literário à participação ativa na política de seus países, além de terem sofrido a imposição de exílios durante os períodos ditatoriais ocorridos em seus respectivos territórios. Portanto, destaca-se uma densa relação de décadas de companheirismo e admiração mútuas, é necessário resgatar e compreender a importância dos laços dessa união sustentados por esses dois relevantes escritores e intelectuais de ideologia esquerda e atentos às questões sociais que permeiam as suas realidades no Brasil e no Chile.

Por um lado, a prosa amadiana conduz a reflexões e críticas partindo-se da subjetividade de seus personagens, o autor expõe os dilemas enfrentados por eles ao se aprofundar nas complexas camadas sociais, sempre tão contraditórias. Os aspectos estéticos e políticos se incorporam e se harmonizam em suas obras, permitindo ao leitor vislumbrar a integração dos planos ficcionais e a aproximação destes com a realidade, numa prosa que abrange uma esperança fantástica e fatores históricos, econômicos e sociais do século XX.

Um dos primeiros encontros dos dois escritores em solos brasileiros aconteceu durante o período do Estado Novo, na ditadura da era Vargas. De acordo com o professor e pesquisador mineiro da UFMG Eduardo de Assis Duarte, Pablo Neruda tinha iniciado seu caminho político no Partido Comunista Chileno como diplomata e senador em 1945, como pode ser visto na imagem abaixo.



Encontro na casa do cunhado de Luís Carlos Prestes com Neruda, Amado e outros famosos e intelectuais. Autor da fotografia: desconhecida; *Revista Piauí*; São Paulo/SP, abril de 1945. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/neruda-amado-e-prestes/> Acesso em 12 set. 2025.

Neruda tinha vindo à São Paulo em abril daquele ano para participar de um comício dos comunistas organizado para os meses seguintes em comemoração à libertação do grande líder esquerdista Luiz Carlos Prestes [1898-1990], preso desde o ano de 1936; e apoiou junto a Amado a campanha de anistia de outros presos políticos no Brasil. É relevante destacar a rede de amigos formada por intelectuais, políticos, artistas e ativistas presentes na trajetória de Amado e Neruda.

As relações sociais estabelecidas por ambos na América Latina, Europa, Brasil, China, União Soviética, Chile e outros locais podem ser vistas como ações com papel relevante durante movimentos históricos de resistência popular. Esses amigos, amigas, políticos, artistas e intelectuais puderam se fortalecer em coletividade para juntos enfrentar o contexto complexo da Guerra Fria e dos seus desdobramentos, lutando contra os regimes ditatoriais implantados na América do Sul e outras partes do mundo, aliados também em um sentimento de esperança quanto ao processo de redemocratização política e reconstrução social de seus países.

O professor ressalta que: “a visita de Neruda marca o início de uma longa amizade com o escritor brasileiro, que duraria até a morte do poeta” (Duarte, p. 16). Proporcionando encontros e eventos no Brasil, nos quais fortaleceram suas posições políticas comunistas, atrelado ao desenvolvimento de seus projetos literários, possibilitando também, construir significativos vínculos de amizade e de política.

Pode-se observar, abaixo na imagem, um outro importante evento com a participação dos dois amigos ocorreu durante o I Congresso Nacional de Intelectuais realizado em Goiânia entre os dias 14 e 21 de fevereiro de 1954.



I Congresso Nacional de Intelectuais em Goiânia. Foto: Landau; *O Popular*; Goiânia/GO, 14 de fevereiro de 1954. Disponível em: <https://opopular.com.br/magazine/encontro-que-trouxe-pablo-neruda-e-jorge-amado-a-goiania-completa-70-anos-1.3109412>. Acesso em: 25 set.2025.

Reunindo mais de 300 pessoas, esse encontro representava uma agenda de debate político organizado pelo PCB na promoção da liberdade e democracia fora do eixo Rio-São Paulo. Nesse período, Jorge Amado já era conhecido fora do país como o romancista dos “excluídos”, conforme o pesquisador em Comunicação Social da UFG Francisco Messias Gomes Barros:

[...] devido à amizade e a influência de Amado foi possível, por exemplo, assegurar a vinda a Goiânia da maior estrela do encontro – o diplomata e poeta, já mundialmente consagrado, Pablo Neruda. Como Amado, Neruda também teve o seu mandato parlamentar – de Senador-cassado (em 1948) e se exilou na Europa para não ser preso. Outra coincidência unia os dois escritores: ambos regressaram (do exílio) a seus países em 1952. Além disso, eram compadres.

O Congresso de Goiânia deveria ter sido, segundo Teles (1964, p. 160) a continuação do IV Congresso de Escritores, realizado em 1951 em Porto Alegre (RS) e organizado pela ABDE (Associação Brasileira de Escritores). Nessa época, a entidade era presidida por Graciliano Ramos, que faleceu em 1953. Uma disputa política entre os chamados —liberais e os escritores de —esquerda, ligados ao PCB, provocou um racha na entidade tanto na seccional paulista quanto na seccional carioca, locais onde a oposição aos comunistas era mais acirrada (Barros, p. 17).

O pesquisador ressalta que a mentoria desenvolvida por Amado na organização desse evento como de outros dessa natureza. O ativismo político do escritor baiano, exclusivamente comunista e que, por esse motivo, precisou muitas vezes agir na clandestinidade em defesa da cultura nacional diante do cenário político brasileiro conturbado, onde reverberou violentas tensões, perseguição e censura sobre as atividades do mercado editorial e diretamente isso repercutiu no consumo literário.

Neruda tinha se tornado um dos grandes nomes da poesia da América Latina para o mundo no século passado. Os dois amigos faziam uma literatura não dissociada do posicionamento político, que no caso dos deles também eram filiados ao Partido Comunista. Estando engajados na defesa do povo humilde que era atravessado pelas imposições e manutenção dos privilégios de poucas famílias elitistas. Construindo obras literárias nas quais possibilitaram debater problemas sociais de seu tempo na contemporaneidade desse contexto latino-americanos do século XX. Foram trajetórias de vida, literárias e políticas de enfrentamento das influências sobre os domínios das políticas de colonialidade ocidental mesmo de países “formalmente” independentes, diante do imperialismo econômico e cultural Norte-americano e Europeu.

Em 1947, durante o período da Guerra Fria, os Estados Unidos pressionaram fortemente os países latino-americanos na ação de interceptar o trabalho de “agentes do comunismo” nessas nações meio que uma caça às bruxas. O afastamento forçado de Neruda de seu país ocorreu em fevereiro de 1948, por críticas ao governo do presidente chileno Gabriel González Videla [1898-1980], um diplomata eleito com a ajuda da base comunista, mas que acabou determinando a ilegalidade do partido. Coincidentemente, o exílio de Jorge Amado foi marcado pela inconstitucionalidade do Partido Comunista no Brasil também no ano de 1948 durante o governo do presidente militar Eurico Gaspar Dutra [1883-1974].

Eram, portanto, dois presidentes eleitos em seus países com projetos de governo distintos, porém, marcados pela ascensão da Guerra Fria na América Latina, compartilham ideologias mais conservadoras. Ambos romperam relações diplomáticas e econômicas com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) entre outros países e adotaram posturas anticomunistas mais opressivas, pois tais governos como outros sul-americanos se alinharam às políticas imperialistas dos Estados Unidos da América. Na gestão de Videla, por exemplo, foi promulgada a chamada Lei Maldita como já citada anteriormente, banindo o Partido Comunista do Chile, executando perseguições, exílios, prisões e abertura de campos de concentração no deserto destinado a políticos ligados à esquerda no Chile, como Neruda.

No Brasil, na Era Dutra, paralelamente ocorriam condutas similares à pátria dos poetas, como a assinatura do decreto de ilegalidade do PCB, afetando diretamente políticos com espectro comunista tal qual Jorge Amado, outros escritores e intelectuais que sofreram exílio por assumir condutas críticas e libertárias. Houve forte repressão sindical com a prisão de seus líderes, criação de leis que pudessem garantir a ordem e fossem contra à subversão. Fortalecimento das forças armadas e restrições nacionais ao direito de greve e paralisações.

Sobretudo, nas nações latino-americanas como em outras partes do mundo que se abriam aos princípios ocidentais intrínsecos ao Capitalismo mais extremo, representado pela influência norte-americana eram propensos às tensões ideológicas. Lá mesmo na terra do Tio Sam, era crescente a desconfiança de uma possível infiltração soviética em diversos setores, resultando em perseguições políticas, listas de suspeitos, acusações sem prova, entre outras ações lideradas pelo Senador Joseph McCarthy [1908-1957], nas quais ficaram conhecidas por Macarthismo. Concomitantemente, por meio da colonização cultural se desenvolveu um clima de paranoia marcado pelo medo do Comunismo, premissa que ainda é explorada atualmente pela indústria cinematográfica *hollywoodiana* e por conglomerados de comunicação alinhadas ao mercado norte-americano.

Diante do desafiador contexto histórico dos dois em seus países, a relação deles com o Comunismo no mundo afora despontaria nessa outra missão da literatura: ser a voz dos oprimidos e excluídos. Exilados na Europa, os dois compadres eram reconhecidos pelos diretórios esquerdistas como ativistas no engajamento político. Apoiavam abertamente os países africanos durante os movimentos pós-coloniais de independência de suas antigas metrópoles, assim como lutavam contra às ações de embargos e submissão impostas pelo imperialismo norte-americano em Cuba.

Exílios em terras estranhas, laços profundos: Amado, Neruda e o humanismo latino-americano

Hay exilios que muerden y otros
Son como el fuego que consume.
NERUDA, *Cantos Ceremoniales*, p. 36.

O exílio constitui uma experiência histórica e subjetiva recorrente na trajetória de intelectuais latino-americanos do século XX, especialmente daqueles comprometidos com projetos políticos e estéticos de resistência. Jorge Amado e Pablo Neruda, embora inseridos em contextos nacionais, vivenciaram o exílio como consequência de sua militância comunista e de sua atuação intelectual crítica. Nesse sentido, suas experiências de exílio se relacionam tanto ao deslocamento geográfico, quanto se configuram uma condição existencial que atravessa suas obras, afetando suas concepções de pertencimento, identidade e engajamento político.

Para Said (p. 50), o exilado habita o perigoso território situado além da fronteira entre “nós” e “os outros”, um espaço de solidão radical que o afasta tanto da comunidade nacional quanto das certezas identitárias sustentadas pelos discursos do nacionalismo, tão pregado pelo Estado. Essa solidão, no entanto, não conduz necessariamente à paralisia ou à nostalgia estéril. Ao contrário, desde que o exilado se recuse a “ficar sentado à margem, afagando uma ferida” (Said, p. 57), o exílio pode tornar-se um lugar de aprendizagem ética e política, exigindo a construção de uma subjetividade vigilante, crítica e não complacente.

Para o autor, o exilado vive em um estado permanente de desenraizamento, no qual a memória da pátria se torna simultaneamente fonte de dor e de criação. Essa perspectiva teórica permite compreender como Amado e Neruda transformam a experiência do exílio em matéria literária e política: em ambos, a nostalgia do espaço perdido convive com uma ampliação do olhar crítico, que passa a perceber a nação desde fora, em confronto com outras realidades históricas e sociais de cada período de exílio.

Na clandestinidade, ainda no Chile, Neruda escreveu a obra poética o *Canto general* tendo sido lançada em 1950 no México e Amado publicou em francês a versão de *Seara Vermelha* em 1949. Ambas as obras foram recepcionadas com uma boa aclamação pelo público leitor e pela crítica literária, na primeira é destaque a lírica de Neruda e suas escolhas estéticas numa construção épica para tratar do povo, da terra e da história do homem sul-americano. Uma obra construída à margem, num período recôndito imposto ao escritor chileno, influenciando diretamente o livro e corroborando para o teor revolucionário presumido por muitos leitores e críticos.

Já o romance de Amado, é visto também como épico quanto à figura do sertanejo pela forte crítica social quanto ao problema do êxodo rural no nordeste brasileiro. Denunciando injustiças históricas causadas pela exploração dos latifundiários e o abandono aos retirantes pelo Estado. Sua verve comunista transparece na narrativa ao descrever a violência e os sofrimentos enfrentados pelas pessoas em situação de miséria em destaque para a família de “Jucundina” (2009) em *Seara Vermelha*, antes e durante o deslocamento destes para o sudeste do país. Os destinos que seus filhos tomaram na trama revelavam possibilidades de lutas e conscientização ou de plena subordinação ao sistema capitalista excludente.

O exercício da literatura e o ativismo político dos dois amigos não eram ações distintas, estavam estritamente ligados em suas vidas e trajetórias. Escrevendo para o grande público, refletindo suas experiências e ideologias em defesa da população injustiçada, perseguida e violentada pelo autoritarismo ditatorial e lutando contra a escalada do fascismo na América Latina já organizado em partidos políticos no Brasil.

De acordo com o professor Eduardo de Assis citado acima, informa em sua obra *Literatura, política e identidades: ensaios* que os periódicos, os meios de comunicação e as publicações comunistas dentro da Europa estavam à disposição dos dois amigos, bem como, daqueles intelectuais perseguidos e exilados de seus países. O professor mineiro considera que o poeta e o romancista em questão, Neruda e Amado, estavam mais empenhados do que nunca na política e na literatura. Pois estes participavam ativamente de ações políticas vinculadas ao Movimento Comunista Internacional e com o apoio da União Soviética. (Duarte, p. 17)

Juntando-se a outros grandes nomes das artes como o pintor Pablo Picasso e os poetas Paul Eluard e Anna Seghers, entre outros. Contudo, devido a esse engajamento e alinhamento às ideologias de esquerda acabaram impedidos de continuar na República francesa e tiveram que avançar em seus exílios: Neruda partiria para a Itália e Amado para Tchecoslováquia.

O professor Assis Duarte expõe, ainda, os contratempos que os dois amigos e companheiros de viagem tiveram no itinerário pelo Oriente. Juntamente com suas respectivas esposas, Matilde Urrutia [1912-1985] e Zélia Gattai [1916-2008] durante a travessia de navio no rio chinês Yang-tsé no ano de 1957. Assis cita trechos da obra *Jardim de inverno* (1988) de Gattai e do livro de memórias de Neruda *Confieso que he vivido: Memorias*, lançado postumamente em 1974 (Duarte, p. 18).

Destacando-se a partir delas a tristeza e o descontentamento expressados por Jorge Amado ao conhecer as atrocidades e delitos cometidos no decorrer do governo de Josef Stalin [1878-1953]. Graves crimes, nos quais, foram denunciados pelo

relatório de Nikita Khrushchev durante o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética em fevereiro de 1956. A partir da apresentação do professor Eduardo, pode-se acompanhar a descrição dessa cena, primeiramente, pela percepção de Neruda:

El novelista brasileño me miraba con ojos sarcásticos y dejaba caer alguno de sus comentarios graciosos y crueles.

La verdad es que las revelaciones sobre la época staliniana habían quebrantado algún resorte en el fondo de Jorge Amado. Somos viejos amigos, hemos compartido años de destierro, siempre nos habíamos identificado en una convicción y en una esperanza comunes. Pero yo creo haber sido un sectario de menor cuantía; mi naturaleza misma y el temperamento de mi propio país me inclinaban a un entendimiento con los demás. Jorge, por el contrario, había sido siempre rígido. Su maestro, Luis Carlos Prestes, pasó cerca de quince años de su vida encarcelado. Son cosas que no se pueden olvidar, que endurecen el alma. Yo justificaba ante mí mismo, sin compartirlo, el sectarismo de Jorge (Neruda, *Confieso que he vivido*, p. 106).

Sendo que, esse mesmo episódio de insatisfação também seria contado pela ótica de Jorge Amado em sua obra memorialística com o título *Navegação de cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei* (1992). Ele descreveu com detalhes esse itinerário na companhia de Zélia, Neruda e Matilde dentro do território chinês. Ocasão na qual foi lembrada por Amado muitos anos depois durante o retorno dele e de Zélia a Pequim em 1985. O autor baiano registrou, portanto, diversos aspectos, contudo, prevalece o seu sentimento de descontentamento:

Aproxima-se o fim de nossa estada na China, desembarcaremos, Pablo e eu, na ilusão do discurso de Mao sobre as mil flores que a seu convite deviam se abrir ao sol do dia, constatamos que ao contrário os horizontes se fechavam. Um figurão do pecê da URSS me dirá em Moscou, dias depois, que o discurso de Mao não passara de uma cilada: os adversários da ideologia dominante foram na conversa, botaram as cabeças para fora, ficara mais fácil cortá-las. Como acreditar em tal interpretação? — Tanta coisa difícil de acreditar-se, verdades impossíveis.

As sombras descem sobre nós, encobrem os amigos, onde estão eles que sumiram, pergunta Pablo, a voz embargada. Emi Siao foi o primeiro a sumir,

logo chegou a vez de Ai-Ching, os dois poetas do regime, Siao e Mao nasceram na mesma aldeia, Emi escrevera a biografia do dirigente máximo. Por fim Ting Ling deixou de aparecer, não veio terminar o diálogo sobre os problemas da narrativa em que nos empenhávamos (Amado, *Navegação...*, p. 343).

Nesse relato, Amado revela décadas depois e em poucas palavras o terror vivido por amigos e pessoas próximas por práticas radicais durante a Revolução Cultural Chinesa (1966-1976) lançada no governo comunista de Mao Tsé-Tung [1893-1976]. O movimento social e político resultou em mortes, perseguição e campo de readequação para intelectuais, artistas, cientistas e escritores avaliados como influências capitalistas perigosas à supremacia do pensamento maoísta.

O escritor Eduardo de Assis Duarte (p. 19) considera que a euforia que Neruda e Amado apresentavam com seus ideais comunistas mais utópicos foram impactados com o passar do tempo diante das revelações de autoritarismos e decepções com personalidades históricas nesse contexto, causando mudanças profundas em suas vidas e literaturas.

Duarte reitera sobre a prosa de Amado, na qual, partia de um caráter genuinamente ideológico partidário comunista até os anos de 1940, e vai sendo transformado pelas questões étnicas e lutas de classe, priorizando sempre o oprimido. O teórico mineiro declara que: “ao elevar o subalterno a sujeito de seu próprio destino, Amado construiu a especificidade de toda a sua ficção. Nela os oprimidos, sejam pobres, negros ou mulheres possuem todos essa chama interior que os faz lutadores inconformados pela injustiça” (Duarte, p. 21).

Quanto a Neruda, o professor Eduardo pondera a sua poética marcada por uma complexa heterogeneidade de temas abordados. Mesmo diante de tantos episódios históricos que abalaram os rumos da humanidade, têm atravessado significativamente a sua produção lírica. Pois, para o chileno a poesia se traduziria em um gesto de participação política, muitos o viam como um extremista nesse escopo. O professor mineiro elenca como acontecimentos presentes na obra do poeta os horrores da Guerra Civil Espanhola, a opressão nazista e ao autoritarismo fascista. Neruda deixou de ressaltar por um período o amor, a natureza, o mar e a amizade para se voltar à solidariedade e sensibilidade diante das injustiças. E mais adiante, conforme Duarte, retomar com equilíbrio as questões sensivelmente estéticas sem esquecer de abrir espaço aos problemas sociais (Duarte, p. 22).

Na literatura produzida por ambos os amigos, sobressai a tônica da resistência, do oprimido que reage diante da imposição e do sofrimento, rebelando-se. Produzindo obras próximas às classes sociais mais populares e evitando o abismo

provocado por uma escrita formalismo ou uma erudição excessiva. Podemos apontar que haveria em várias obras dos dois amigos uma literatura compromissada politicamente com o povo, com o coletivo, ora atrelada à militância ao Partido Comunista como antes, porém sempre perseverando o foco na luta de classes, na resistência e na justiça social.

Neruda e o poeta Nicolás Guillén eram padrinhos da filha mais nova de Jorge e Zélia, Paloma Amado, que nasceu em 1951 na antiga Tchecoslováquia. Havia, portanto, se construído uma relação tão fraterna entre suas famílias resistindo ao tempo, crises políticas, ditaduras e fronteiras. Foram décadas de convivência, nas quais permitiram a aproximação de amigos comuns entre dois escritores durante seus famosos encontros, encolhendo assim longas distâncias do Brasil com outros países da América Latina:

Paloma, Vinicius de Moraes, Neruda e Amado. Autor da fotografia: desconhecido; *Jornal Correio da Manhã*. Rio de Janeiro/ RJ; 14 de novembro de 1956, p. 02. Arquivo Nacional do Brasil. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspx?bib=089842_06&pasta=ano+195&pesq=%E2%80%9CNeruda+entre+o+romancista+Jorge+Amado+e+o+poeta+Vinicius+de+Moraes.+Tamb%C3%A9m+a+filhinha+do+autor+de+%E2%80%9CJubiab%C3%A1%E2%80%9D&pagfis=69241. Acesso em: 28 out. 2025.



Outras visitas de Neruda ao Brasil ocorreram, geralmente em companhia do amigo Jorge Amado, Zélia Gattai e outras figuras importantes da política e da cultura brasileira como Carlos Drummond de Andrade [1902-1987], Clarice Lispector [1920-1977] e Vinícius de Moraes [1913-1980]. Destacando-se as visitas à Bahia, quando o poeta chileno foi conhecer a casa do Rio Vermelho em Salvador. Era a residência que o casal baiano viveu por muitos anos e acolheu diversos amigos e intelectuais de todo o mundo e hoje, transformado em casa-museu preservando a memória de seus ilustres moradores. Assim como Amado frequentava pessoal e profissionalmente os países vizinhos latino-americanos.

Em 1971, Jorge Amado e Neruda foram indicados junto a outros autores ao Prêmio Nobel daquele ano. Na edição, Neruda foi laureado com a honraria sendo o primeiro escritor latino-americano a chegar nesse êxito. Contudo, em 11 de setembro de 1973 o presidente socialista democraticamente eleito Salvador Allende foi deposto do governo do Chile por um golpe de Estado liderado pelo general Augusto

Pinochet. Nessa mesma data, o corpo de Allende é encontrado sem vida no Palácio de la Moneda, com um tiro no queixo sobre suspeita de suicídio.

Lamentavelmente, após 12 dias da derrubada do governo e da morte de Allende, faleceu também Pablo Neruda aos sessenta nove anos na Clínica Santa Maria. Local onde o poeta havia se internado por causa de um câncer na próstata. Contudo, a sua morte também vem sendo questionada atualmente em detrimento às condições suspeitas nas quais ocorreram. Sobretudo, diante da pertinente relação de amizade e política dele com o governo socialista de Allende. Nesse sentido, o Partido Comunista Brasileiro traz em seu *site* a tradução do texto do jornalista Christian Palma, correspondente do jornal de esquerda *Carta Maior* sobre as investigações do caso Neruda:

No estado de saúde delicado em que se encontrava o poeta e ex-senador do Partido Comunista chileno, seus pensamentos naquele dia não podiam deixar de estar submetidos à tristeza pelo que havia ocorrido no país que, de imediato, transformou-se numa nação onde a crueldade se vivia nas ruas, com milhares de pessoas mortas ao longo do país.

O câncer que afetava Neruda tinha se agravado depois do golpe e a partir da violência dos militares que também tinham invadido a casa que o poeta tinha em Santiago.

O embaixador do México no Chile reservou uma peça de sua casa para o poeta e político na Clínica Santa María. Na ambulância, sua mulher, Matilde Urrutia, o acompanhou (Palma, *As dúvidas sobre a morte de Pablo Neruda*, 2013).

Terríveis acontecimentos ocorreram durante a deposição de Allende, como o fato da famosa casa de Neruda conhecida por *La Chascona* ('a descabelada') na Isla Negra ter sido invadida, saqueada e todos os livros do poeta foram queimados. Além disso, a sua vasta produção literária foi proibida de circular por ordens do governo opressivo de Pinochet. O velório do Neruda é conhecido como o primeiro grande protesto contra a recente ditadura militar instaurada. Não há registro oficial do comparecimento do autor baiano no funeral do amigo chileno, sobretudo, por ter ocorrido em circunstâncias nefastas sobre forte vigilância da ditadura de Pinochet, fato que causava tensão e temor aos diversos amigos, intelectuais e autoridades latinas no intuito de prestar suas últimas homenagens ao poeta.

Alguns anos depois, Jorge Amado utilizou-se de seu prestígio internacional como escritor e conseguiu adentrar outras vezes no país dos poetas. Nesse período, as obras do amigo e compadre não poderiam ser vendidas no território chileno.

Entretanto, em uma ocasião planejada, Amado ajudou a viúva de Neruda, Matilde Urrutia, a divulgar e distribuir o livro de seu marido que ficou traduzido no Brasil como "Confesso que vivi" (1977) em plena censura comercial.

Essa seria uma obra autobiográfica, na qual Neruda passou muitos anos escrevendo. O poeta narra a sua trajetória pessoal e política até os últimos dias. Amado e Matilde, então, disfarçaram o livro do poeta inserindo-o no meio das capas das obras do autor baiano, divulgando assim a sua narrativa póstuma em diversos lugares. Em 1993, anos depois da morte de Neruda, Jorge Amado foi agraciado no Chile com a honraria Grã-Cruz da Ordem de Bernardo O'Higgins, comparecendo em outras homenagens que recebeu na terra natal de seu poeta amigo.

Considerações finais

O percurso realizado permite reafirmar que as trajetórias literárias e políticas de Jorge Amado e Pablo Neruda constituem um exemplo da articulação entre estética, engajamento e projeto utópico na literatura latino-americana do século XX. Inseridos em contextos marcados por ditaduras, perseguições ideológicas e desigualdades econômicas, ambos compreenderam a literatura como prática social ativa, capaz de intervir simbolicamente na realidade e de dialogar diretamente com as experiências históricas de seus povos.

Ao longo desse panorama investigativo, evidenciou-se uma duradoura amizade entre Amado e Neruda, se configurando como um elemento estruturante de suas trajetórias intelectuais. Esse vínculo, forjado em meio à militância política, ao exílio e à circulação internacional, fortaleceu redes de solidariedade e contribuiu para a consolidação de um projeto cultural latino-americano pautado pela defesa da justiça social, da dignidade humana e da valorização das culturas populares. A fraternidade entre ambos revela, assim, como os laços afetivos também podem operar como formas de resistência em contextos autoritários.

A produção literária dos dois escritores, ainda que marcada por diferenças formais e genéricas, converge na centralidade conferida aos sujeitos marginalizados e na crítica às estruturas de dominação econômica, política e cultural. Tanto a prosa amadiana quanto a poesia nerudiana assumem uma dimensão pública, transformando a palavra em espaço de denúncia, memória e esperança. A literatura, nesse sentido, deixa de ser compreendida como exercício isolado de criação estética para se afirmar como gesto político, voltado à formação da consciência crítica e à imaginação de futuros possíveis.

Outro aspecto relevante diz respeito à ampla recepção das obras de Amado e Neruda no âmbito da comunidade latino-americana de leitores. A consagração de ambos ultrapassa o reconhecimento institucional e acadêmico, construindo-se na relação viva com leitores, militantes e comunidades que encontraram em seus textos formas de identificação e resistência. Tal constatação aponta para a necessidade de ampliar as abordagens da história literária, incorporando os processos de circulação, apropriação e legitimação social da literatura como dimensões fundamentais de análise.

Sobretudo, o ativismo político e as lutas sociais que os dois autores apresentavam em suas obras literárias refletiam o complexo contexto dos problemas sociais dos povos na América Latina, das perseguições políticas, censura, torturas e mortes. Tornando seus textos narrativos e líricos mais próximos de seus leitores, principalmente daqueles que representam os segmentos sociais tratados mais à margem. As obras permitem mergulhar nas experiências cotidianas das relações humanas, abordando temáticas relacionadas à violência, ao preconceito e à exclusão, causando reconhecimento individual, assim como reacendem aspectos humanos ligados à valores pessoais e coletivos como a conscientização, a autocrítica, união em meios aos desafios e o fortalecimento das lutas populares.

As experiências do exílio, longe de representarem ruptura ou silenciamento, revelaram-se espaços de reconfiguração estética e política, nos quais se intensificaram as trocas intelectuais transnacionais e o engajamento em causas internacionais. Ainda que atravessadas por tensões, revisões ideológicas e desencantos históricos, as trajetórias de Jorge Amado e Pablo Neruda mantiveram-se orientadas por um compromisso persistente com a liberdade, a justiça social e a crença da transformação por meio da arte.

Dessa forma, ao revisitar a amizade, a militância e a produção literária desses dois escritores, este breve estudo reafirma a centralidade da literatura como prática social e política na América Latina do século XX. O legado de Amado e Neruda permanece como testemunho de uma escrita que não abdica do compromisso com o coletivo, que resiste ao autoritarismo e que insiste na utopia como horizonte possível.

Referências

Amado, Jorge. *O menino grapiúna*. 24ª ed., Bestseller, 2006.

Amado, Jorge. *Navegação de cabotagem: Apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. 1992. 6ª ed., Record, 2006.

Amado, Jorge. *Seara vermelha*. Companhia das Letras, 2009.

Barros, Francisco Messias Gomes. *I Congresso Nacional de Intelectuais (Goiânia – 1954): Cultura nacional, PCB e hegemonia*, 2018. Universidade Federal de Goiás, dissertação de mestrado.

Duarte, Eduardo de Assis. *Literatura, política e identidades: Ensaio*. FALE/UFGM, 2005.

Florindo, Marcos Tarcísio. “O Estado brasileiro e a repressão política na Era Vargas: montagem institucional do aparato de contenção e de controle da sociabilidade operária.” *Revista de Estudios Brasileños*, vol. 2, n.º 2, 2015, pp. 36–47.

Fraga, Myriam. *Poesia reunida*. Programa Aldir Blanc Bahia, 2021.

Neruda, Pablo. *Canto general*. Tradução de Paulo Mendes Campos, Bertrand Brasil, 1987.

Neruda, Pablo. *Cantos ceremoniales*. 3ª ed., Losada, 1972.

Neruda, Pablo. *Confieso que he vivido: Memorias*. Seix Barral, 1977.

Palma, Christian. “As dúvidas sobre a morte de Pablo Neruda.” *Partido Comunista Brasileiro (PCB)*, 11 set. 2013, pcb.org.br/portal2/5428. Acesso em 10 nov. 2025.

Prashad, Vijay. *O golpe contra o Terceiro Mundo: Chile, 1973*. Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, set. 2023. Dossiê n.º 68.

Said, Edward. “Reflexões sobre o exílio.” *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*, tradução de Pedro Maia Soares, Companhia das Letras, 2003, pp. 46–60.

Souza, Ricardo Antonio Mendes. “Ditaduras civil-militares no Cone Sul e a Doutrina de Segurança Nacional: algumas considerações sobre a historiografia.” *Tempo e Argumento*, vol. 5, n.º 10, 2013, pp. 6–38, revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180305102013006. Acesso em 28 nov. 2025.